

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESAFIOS DA INCLUSÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Rondinelia Vale de Oliveira Apurinã¹
Raimundo Carlos Souza Lima²

RESUMO: Este trabalho descreve a experiência do estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Coronel José de Assunção, onde foram ministradas aulas de História para turmas do 6º e 7º anos. O objetivo principal foi refletir sobre as atividades desenvolvidas durante o estágio, incluindo os desafios enfrentados, as metodologias aplicadas e os resultados alcançados. Durante o estágio, foram abordados conteúdos sobre civilizações antigas, como hebreus, fenícios e persas, e a colonização da América Espanhola. As aulas foram planejadas e executadas utilizando uma variedade de recursos, como slides, vídeos curtos e debates, buscando diversificar os métodos de ensino para atender às diferentes necessidades dos alunos. Além disso, houve uma preocupação especial com a inclusão de alunos com deficiência, o que exigiu adaptações metodológicas. A análise dos resultados mostrou uma melhora significativa no engajamento e na compreensão dos alunos, especialmente por meio de abordagens participativas. Conclui-se que o estágio foi essencial para o desenvolvimento das habilidades docentes e para a adoção de uma pedagogia reflexiva e inclusiva, contribuindo para uma maior compreensão das demandas contemporâneas no ensino de História.

Palavras-chave: Experiência de Estágio. Ensino de História. Metodologias Ativas.

1. Introdução

Este relato de experiência, elaborado com base no estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Coronel José de Assunção, tem como objetivo descrever e analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas, bem como refletir sobre a relação entre teoria e prática no ensino de História. O estágio, uma etapa essencial da formação docente, possibilitou vivenciar os desafios cotidianos da sala de aula, proporcionando uma visão prática da profissão e permitindo uma análise crítica das metodologias adotadas.

A opção por manter os mesmos temas de História que foram abordados pelo professor regente nas turmas do 6º e 7º anos foi pensada estrategicamente, com o objetivo de oferecer aos estudantes uma sequência de ensino organizada. Foram estudados temas como as antigas civilizações (Hebreus, Fenícios e Persas) e a colonização da América Espanhola, o que permitiu uma ampla exploração de aspectos culturais, políticos e sociais. Além de apenas transmitir informações, a experiência também levou a uma reflexão sobre a prática de ensino,

¹ **Rondinelia Vale de Oliveira Apurinã** é acadêmica concludente do curso de Licenciatura em História, pela Universidade Estadual do Amazonas. E-mail:

² **Raimundo Carlos Souza Lima** é Especialista em Educação Especial Inclusiva, pela Faculdade Acriana Euclides da Cunha – INC. Professor Assistente do Curso de História Mediado por Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas e Professor Estatutário de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas – Seduc – AM. E-mail: rclima@uea.edu.br.

especialmente no que se refere à inclusão de alunos com necessidades especiais e à adaptação de métodos para atender diferentes estilos de aprendizagem.

2. Materiais e métodos / Procedimentos metodológicos

O relato de experiência está dividido em três partes principais, que estão inseridas no tópico de "Resultados e discussão". No primeiro subtópico são descritas minuciosamente as atividades desenvolvidas durante o estágio, desde o planejamento das aulas até sua execução em sala de aula, destacando-se os principais desafios e as soluções encontradas.

Em seguida, são apresentadas reflexões teóricas que relacionam a prática pedagógica com conceitos e teorias discutidos ao longo do curso de licenciatura em História.

Por fim, a análise dos resultados possibilitará avaliar a eficácia das metodologias adotadas e o impacto das aulas no processo de aprendizagem dos alunos. Assim, o presente estudo busca relatar uma experiência prática e contribuir para a reflexão sobre a importância de uma prática docente crítica e reflexiva no ensino de História.

O estágio supervisionado foi realizado na Escola Estadual Coronel José de Assunção, entre os dias 18 de agosto e 5 de setembro de 2023, no âmbito do curso de licenciatura em História. Esse período de estágio teve como foco a aplicação de práticas pedagógicas para os alunos do 6º ano, visando desenvolver habilidades de ensino, gestão de turma e adaptação de conteúdo. A escolha da escola, que é familiar para mim por ter estudado lá anteriormente, facilitou a interação com a equipe docente, proporcionando um ambiente acolhedor para a realização das atividades.

A experiência foi estruturada com base na elaboração e na execução de cinco aulas, nas quais os temas abordados foram civilizações antigas — hebreus, fenícios e persas. Foram utilizados materiais como slides, vídeos curtos e atividades dissertativas, com o intuito de diversificar os métodos de ensino e promover maior participação dos alunos. A intervenção pedagógica seguiu um formato dialógico, visando incentivar a participação dos alunos.

A coleta de dados, por meio da observação das reações dos alunos e das avaliações aplicadas, forneceu informações relevantes para a reflexão sobre a eficácia das metodologias. Aspectos éticos, como o respeito à individualidade dos alunos e a inclusão de todos nas atividades, também foram considerados durante o processo.

3. Resultados e discussão

3.1 Atividades e experiências no Estágio Supervisionado

Durante o estágio supervisionado, que ocorreu entre os dias 18 de agosto e 5 de setembro de 2023, na Escola Estadual Coronel José Assunção, tive a oportunidade de atuar na área de licenciatura em História em uma escola pública, vivenciando de perto a rotina e os desafios enfrentados por um professor. Antes do início do estágio, minhas expectativas estavam voltadas para a aquisição de habilidades práticas que complementassem a formação teórica obtida ao longo do curso. Logo nos primeiros dias, fomos calorosamente acolhidos pela equipe da escola. O professor titular da disciplina de História, Eudes Marques Ávila, foi extremamente receptivo e nos ofereceu todo o suporte necessário, fornecendo o material para nossa regência e nos dando liberdade para escolher os temas a serem trabalhados com os alunos. Após discutirmos sobre o melhor direcionamento para as aulas, decidimos dar continuidade ao conteúdo já iniciado pelo professor, o que facilitou a adaptação dos alunos. Nossa regência foi distribuída em cinco aulas para as turmas do 6º ano I e 6º ano II.

Como eu já havia concluído o ensino médio na mesma escola em que realizamos o estágio e conhecia alguns dos professores, o ambiente de trabalho me pareceu mais familiar, o que favoreceu a interação com a equipe escolar. No entanto, apesar dessa vantagem, os desafios inerentes à sala de aula também foram evidentes. Durante o estágio, enfrentei dificuldades como gerenciar uma turma de 34 alunos, apresentar o conteúdo elaborado pela minha dupla de maneira clara, manter a calma para lidar com a agitação dos alunos e demonstrar confiança, mesmo quando me sentia nervosa. Além disso, ser identificada pelos alunos como "estagiária" proporcionou uma nova perspectiva sobre a construção da autoridade docente em sala de aula. Essa vivência, embora desafiadora, foi muito valiosa, tanto para os profissionais da educação que nos acompanharam quanto para nós, estagiários.

Entre as principais atividades desenvolvidas, destacam-se as aulas sobre as civilizações antigas — hebreus, fenícios e persas — para alunos do 6º ano. O planejamento envolveu a utilização de diversos recursos pedagógicos, como slides, vídeos curtos e atividades dissertativas, que foram fundamentais para promover a participação dos alunos e diversificar as estratégias de ensino. Cada aula foi cuidadosamente preparada para dar continuidade ao que já estava sendo trabalhado pelo professor regente, proporcionando uma sequência didática coesa e alinhada ao plano pedagógico da escola. A inclusão de recursos visuais e a condução de

debates ajudaram a tornar o conteúdo mais acessível, sobretudo para os alunos com dificuldade de concentração.

No entanto, os desafios enfrentados durante o estágio supervisionado foram inúmeros, especialmente relacionados à gestão de uma sala de aula com muitos alunos. A cada dia que passava, eu sentia a pressão de estar sozinha em sala de aula, ministrando um conteúdo que a maioria dos alunos já conhecia. Esse cenário exigia que eu encontrasse novas maneiras de tornar as aulas interessantes e cativantes. Por conta dessa pressão, passei por momentos difíceis durante o mês de estágio, como noites mal dormidas e sentimentos de ansiedade. Perdi 3 kg durante o processo e, em alguns momentos, pensei em desistir. Chorei ao tentar finalizar o relatório, mas, ao final, consegui aplicar tudo o que aprendi no curso, superando o medo de estar à frente de uma turma e entregando o relatório no prazo estipulado.

O estágio representou um momento de intenso aprendizado e crescimento. A experiência não apenas ampliou meus conhecimentos práticos na área de licenciatura em História, como também me fez refletir sobre a importância de valorizar o professor. Essa conexão entre professor e alunos é transformadora. Ser chamada de "professora" pelos alunos foi uma das sensações mais gratificantes do estágio e reforçou minha certeza de que a educação merece maior reconhecimento. Essa experiência me mostrou, de forma clara, que a docência é uma profissão que traz recompensas imensuráveis, tanto no nível pessoal quanto no profissional.

3.2 Reflexões teóricas sobre as práticas pedagógicas.

O estágio supervisionado proporcionou a oportunidade de colocar em prática as teorias aprendidas e de refletir sobre sua aplicação no contexto real da sala de aula. De acordo com Bianchi et al. (2005), o estágio supervisionado é caracterizado por uma experiência na qual o aluno demonstra seu potencial criativo, independência e integridade, proporcionando a oportunidade de avaliar se a escolha profissional é consistente com suas habilidades técnicas. A prática docente permitiu-me explorar e confirmar algumas das principais teorias pedagógicas discutidas ao longo do curso de licenciatura, em especial as ideias de Freire (1987) sobre educação dialógica e emancipatória. De acordo com Freire, a educação deve ser um processo de diálogo entre professor e alunos, no qual ambos constroem o conhecimento de maneira colaborativa. Durante minhas aulas, busquei implementar essa perspectiva ao adotar metodologias que incentivassem a participação ativa dos alunos, como debates e perguntas direcionadas. Essa abordagem mostrou-se eficaz, pois permitiu que os alunos não fossem

apenas receptores passivos de informação, mas agentes ativos no processo de construção do conhecimento.

A relação entre teoria e prática também se manifestou na escolha dos conteúdos e nas estratégias de ensino. O estudo das civilizações antigas, como a hebraica, a fenícia e a persa, foi fundamentado em conceitos historiográficos que destacam a importância de contextualizar os eventos históricos dentro de uma análise mais ampla das estruturas sociais, econômicas e culturais. As ideias de Marc Bloch (2001), que enfatiza a história como uma ciência das relações humanas, foram centrais para a forma como apresentei os conteúdos. Ao abordar as civilizações antigas, busquei transmitir informações factuais e promover uma reflexão sobre a interconexão desses povos com o mundo atual. Ao discutir o comércio dos fenícios, por exemplo, estabeleci paralelos com as práticas comerciais modernas, ajudando os alunos a verem a história como um processo contínuo e relevante para o presente.

A utilização de recursos tecnológicos nas aulas também foi influenciada por teorias sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no ensino de História. A incorporação de vídeos e imagens digitais seguiu a lógica defendida por teóricos como Moran et al. (2000), que propõem o uso de tecnologias para enriquecer o ambiente de aprendizagem, tornando-o mais dinâmico e acessível a diferentes perfis de alunos. Os vídeos curtos que utilizamos sobre a expansão dos fenícios, por exemplo, capturaram a atenção dos alunos de maneira que a leitura de um texto isolado não conseguiria. Essa abordagem multimodal foi crucial para garantir a participação de alunos com diferentes estilos de aprendizagem.

A experiência prática também me permitiu refletir sobre a importância da interdisciplinaridade no ensino de História. Ao discutir a colonização da América Espanhola com os alunos do 7º ano, trouxe elementos da geografia e da sociologia para enriquecer o debate, permitindo que eles compreendessem o impacto territorial e social desse processo. Essa abordagem reforçou a importância de integrar diferentes áreas do conhecimento na sala de aula, algo que considero fundamental para a formação de alunos críticos e bem informados.

3.3 Resultados e análises das metodologias implementadas

Os resultados obtidos ao longo do estágio supervisionado foram bastante satisfatórios, tanto em termos de desempenho dos alunos quanto em relação à minha própria formação como docente. As atividades avaliativas aplicadas durante e após as aulas indicaram que a maioria dos alunos compreendeu e internalizou os principais conceitos discutidos em sala de aula. Nas

turmas do 6º ano, a absorção do conteúdo sobre civilizações antigas foi gradual, com progresso visível ao longo das semanas. No início, os alunos demonstravam maior dificuldade em compreender a complexidade das estruturas sociais dos persas, especialmente no que se referia ao sistema de governo e à religião. Contudo, após a realização de revisões e o uso de recursos visuais, como mapas e imagens, os alunos começaram a demonstrar uma compreensão mais aprofundada do conteúdo.

A análise dos resultados das atividades dissertativas também evidenciou a eficácia das metodologias adotadas. As questões abertas, que exigiam reflexão crítica sobre o material, foram particularmente úteis para avaliar o nível de entendimento. Nas turmas do 7º ano, o tema da colonização da América Espanhola despertou maior interesse, talvez pela familiaridade prévia dos alunos com o assunto. O uso de debates em pequenos grupos foi especialmente produtivo nessas turmas, pois permitiu que os alunos desenvolvessem habilidades de argumentação e colaborassem entre si para construir conhecimento. Ao final do estágio, os alunos foram capazes de relacionar o processo de colonização com questões contemporâneas, como as desigualdades sociais e a exploração dos povos indígenas, demonstrando uma compreensão mais aprofundada dos impactos históricos discutidos.

Outro resultado significativo foi a melhora na participação dos alunos ao longo das aulas. No início, muitos alunos, especialmente os do 6º ano, apresentavam uma postura passiva, com pouca interação durante as explicações. Contudo, ao longo do estágio, percebi um aumento no engajamento, particularmente quando utilizei estratégias mais interativas, como perguntas direcionadas e debates. Esse aumento na participação foi acompanhado de uma melhora no desempenho acadêmico, com mais alunos conseguindo responder satisfatoriamente às questões dissertativas e demonstrando maior interesse nos temas abordados.

Um aspecto que merece destaque é a necessidade de adaptações para atender às diferentes necessidades dos alunos, especialmente os com deficiência. Embora os recursos disponíveis na escola fossem limitados, a adaptação das atividades e a utilização de diferentes metodologias permitiram que esses alunos também tivessem acesso ao conteúdo, ainda que de maneira diferenciada. Isso reforça a importância de uma abordagem inclusiva no ensino, que considere as particularidades de cada aluno.

Por fim, o estágio supervisionado consolidou a importância de uma prática pedagógica reflexiva, na qual a adaptação constante às necessidades dos alunos e ao contexto escolar é essencial para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. A experiência foi fundamental

para o desenvolvimento das minhas habilidades docentes e para a compreensão mais profunda dos desafios e possibilidades do ensino de História.

4. Considerações Finais

O estágio supervisionado realizado na Escola Estadual Coronel José de Assunção foi essencial para a consolidação das minhas habilidades pedagógicas, pois permitiu que eu aplicasse, na prática, os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da licenciatura em História. Ao ministrar aulas sobre civilizações antigas e a colonização da América Espanhola, percebi a importância de diversificar as metodologias de ensino, utilizando recursos visuais e audiovisuais, debates e atividades em grupo, a fim de atender a diferentes perfis de aprendizagem. A experiência evidenciou, ainda, os desafios enfrentados no que tange à inclusão de alunos com deficiência, destacando a necessidade urgente de adaptações pedagógicas e de uma estrutura escolar mais inclusiva.

As metodologias ativas implementadas, como a promoção de debates e a utilização de vídeos curtos, mostraram-se eficazes para aumentar o engajamento dos alunos e promover um ambiente colaborativo de aprendizagem. No entanto, a ausência de cuidadores especializados para alunos com deficiência limitou o alcance das atividades inclusivas, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais robustas em prol da educação inclusiva. Além disso, a experiência docente me permitiu refletir sobre a importância de uma prática pedagógica crítica e reflexiva, baseada nos princípios de Paulo Freire, que valoriza o diálogo e a construção colaborativa do conhecimento. A partir dessa perspectiva, compreendo que o papel do professor não se limita à transmissão de conteúdo, mas à facilitação de um processo de aprendizagem que promove a autonomia e a capacidade crítica dos alunos.

Por fim, considero que o estágio supervisionado foi fundamental para o meu desenvolvimento profissional e para a compreensão dos desafios e oportunidades no ensino de História. A experiência prática me preparou para enfrentar os desafios da sala de aula com maior confiança e me motivou a aperfeiçoar continuamente minhas práticas pedagógicas, sempre visando proporcionar um ensino mais inclusivo, dinâmico e relevante para os alunos.

5. Fontes

5.1 BIANCHI, Anna Cecilia de Moraes; ALVARENGA, Mariana; BIANCHI, Roberto. Orientações para o Estágio em Licenciatura. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A obra "Orientação para Estágio em Licenciatura", escrita por Anna Cecilia de Moraes Bianchi, Marina Alvarenga e Roberto Bianchi, oferece uma visão profunda e orientadora sobre o papel do estágio supervisionado na formação de professores, abordando aspectos teóricos e práticos que envolvem a experiência de estágio. Ao longo do livro, os autores destacam a importância de um planejamento criterioso e da mediação entre a teoria pedagógica e a prática em sala de aula, como forma de consolidar a formação docente.

Primeiramente, um dos pontos centrais abordados é o estágio como uma etapa essencial para o desenvolvimento de competências e habilidades pedagógicas. O estágio proporciona ao licenciando a oportunidade de vivenciar o ambiente escolar de maneira mais próxima, confrontando as teorias adquiridas ao longo do curso com a prática real. Nesse processo, o estagiário tem a chance de desenvolver uma consciência crítica sobre o ensino, refletindo sobre a sua postura como educador e os desafios enfrentados no cotidiano da escola.

Além disso, os autores enfatizam a necessidade de uma orientação constante durante o estágio. A figura do professor orientador é destacada como fundamental para guiar o licenciando, oferecendo feedbacks construtivos e direcionando o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes. O orientador também assume o papel de mediador entre o estagiário e a realidade da escola, ajudando o futuro professor a compreender a dinâmica escolar, as relações interpessoais e os desafios institucionais.

Outro ponto relevante é a discussão sobre o planejamento de aulas durante o estágio. Os autores defendem que o licenciando deve ser capaz de planejar suas atividades de maneira articulada com os objetivos pedagógicos, considerando a diversidade dos alunos e as especificidades do contexto escolar em que está inserido. O planejamento, nesse sentido, deve ser flexível e adaptável às necessidades e ao perfil dos estudantes, promovendo uma educação inclusiva e significativa.

O livro também trata da importância da reflexão crítica sobre as práticas docentes. O estágio não deve ser visto apenas como uma mera aplicação de técnicas, mas como um momento de análise profunda das ações pedagógicas. Os autores propõem que o estagiário reflita constantemente sobre sua prática, identificando pontos de melhoria e buscando formas de aprimorar suas estratégias de ensino. Essa reflexão é essencial para o crescimento profissional do futuro professor.

Por fim, a obra explora as implicações éticas e profissionais do estágio. O comportamento ético do estagiário, seu comprometimento com o processo educativo e sua

relação com a comunidade escolar são fatores destacados como fundamentais para a construção de uma carreira docente sólida. Os autores também ressaltam a importância do estagiário compreender seu papel social como educador, consciente de sua responsabilidade na formação de cidadãos críticos e participativos.

5.2 BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Na obra "*Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador*", Marc Bloch oferece uma reflexão profunda sobre a natureza e o papel da História como ciência e sobre a função do historiador. Publicada postumamente, essa obra apresenta os princípios centrais que orientam o trabalho histórico, questionando os métodos tradicionais e propondo uma abordagem mais abrangente e crítica. Bloch parte da ideia de que a História deve ser entendida não apenas como o estudo do passado, mas como uma ciência das relações humanas, buscando compreender a complexidade das sociedades em seus múltiplos aspectos.

Um dos pontos principais do livro é a crítica de Bloch à noção de que a História é apenas o estudo dos fatos passados. Ele argumenta que o historiador não pode se limitar a uma visão linear do tempo ou a uma simples coleta de informações. Ao contrário, o historiador deve interpretar esses fatos, entender as relações de causa e efeito, e considerar o contexto em que eles ocorreram. Para Bloch, a História, não é uma sucessão de datas e eventos isolados, mas sim uma rede de conexões e influências que precisam ser analisadas em conjunto.

Outro ponto fundamental na obra é a ênfase de Bloch na interdisciplinaridade. Para ele, a História não deve ser vista como uma ciência isolada, mas como uma área que dialoga com outras disciplinas, como a sociologia, a geografia, a economia e a antropologia. O historiador deve utilizar as ferramentas dessas ciências para compreender de maneira mais ampla os fenômenos históricos. O autor destaca que as sociedades humanas são complexas e multifacetadas, e, portanto, seu estudo exige uma abordagem que integre diferentes perspectivas.

Bloch também discute o papel do historiador como um investigador do passado, comparando-o a um "detetive". O historiador, assim como um detetive, deve reunir pistas, documentos e evidências para construir uma narrativa coerente sobre o passado. No entanto, ele adverte que o historiador nunca terá acesso completo à verdade, pois o passado é sempre fragmentado e os vestígios que restam são limitados. Dessa forma, a História é uma ciência de

reconstrução parcial, onde o historiador deve trabalhar com o que está disponível, sendo sempre crítico e cauteloso na interpretação dos fatos.

Outro aspecto importante da obra é a defesa da História como uma ciência do presente. Embora o historiador estude o passado, Bloch acredita que o objetivo final é compreender o presente. O passado, de acordo com suas premissas, ilumina as questões contemporâneas, e é a partir do entendimento das estruturas sociais e das dinâmicas históricas que podemos entender os desafios do presente. Assim, a História tem um papel social relevante, ajudando a formar cidadãos críticos e informados.

Por fim, Bloch aborda a questão da objetividade na História. Ele argumenta que, embora o historiador deva buscar a imparcialidade e a precisão, é impossível ser completamente objetivo. Todo historiador está inserido em seu próprio tempo e traz consigo suas percepções e preconceitos. No entanto, isso não significa que a História seja uma ciência subjetiva ou sem rigor. Para o autor, o papel do historiador é ser consciente dessas limitações e trabalhar para minimizá-las por meio de métodos críticos e uma análise cuidadosa das fontes.

5.3 FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Na obra "Pedagogia do Oprimido", Paulo Freire apresenta uma proposta revolucionária de educação, que visa a libertação dos oprimidos por meio de um processo de conscientização e diálogo. Freire critica o modelo tradicional de educação, que ele chama de "educação bancária", no qual os alunos são vistos como recipientes vazios, prontos para serem preenchidos com o conhecimento transmitido pelo professor. Nesse modelo, o professor é o detentor do saber, e o aluno, passivo, apenas absorve o conteúdo. Nesse sentido, o autor propõe uma nova forma de educação, que seja dialógica e emancipatória, permitindo que os alunos participem ativamente do processo de aprendizado.

Um dos pontos centrais da obra é a ideia de que a educação deve ser um processo de libertação, e não de opressão. Para Freire, a relação entre professor e aluno não deve ser hierárquica, mas sim de parceria, onde ambos aprendem e ensinam mutuamente. Ele defende que a educação dialógica cria um ambiente em que os alunos são incentivados a refletir criticamente sobre sua realidade e, a partir dessa reflexão, atuar para transformá-la. A pedagogia do oprimido, portanto, tem como objetivo dar voz aos marginalizados e permitir que eles se tornem protagonistas de sua própria história.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Paulo Freire também argumenta que a opressão não é apenas econômica ou política, mas também cultural e educacional. Ele afirma que os sistemas de ensino tradicionais, ao reforçarem a passividade dos alunos, perpetuam as estruturas de poder existentes e contribuem para a manutenção da opressão. De acordo com sua premissa, a educação deve ser um ato político, e o professor tem a responsabilidade de ajudar os alunos a tomarem consciência de sua situação no mundo. Só assim eles poderão lutar contra a opressão e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Outro ponto importante abordado por Freire é a conscientização. Esse conceito se refere ao processo pelo qual os oprimidos percebem a realidade da sua opressão e se tornam conscientes da necessidade de mudança. Para o autor, a conscientização não é apenas um ato intelectual, mas também um processo de ação. Ao tomar consciência de sua situação, os indivíduos se mobilizam para transformar essa realidade, rompendo com as estruturas opressoras. A educação, nesse contexto, é vista como uma prática de liberdade.

O autor também destaca a importância do diálogo no processo educativo. Freire afirma que o diálogo é essencial para a criação de uma educação libertadora, pois é através da troca de ideias e experiências que os indivíduos podem se conscientizar de suas condições e encontrar maneiras de superá-las. O diálogo, para ele, é um ato de amor, humildade e confiança, que deve ser praticado tanto pelos professores quanto pelos alunos. Ele se opõe à imposição de ideias ou ao autoritarismo no ensino, defendendo uma relação pedagógica baseada no respeito mútuo.

Além disso, Freire critica duramente a “cultura do silêncio”, imposta pelos opressores para manter os oprimidos em uma posição de subordinação. Essa cultura é mantida pela falta de acesso à educação crítica e pela alienação das massas. A pedagogia do oprimido busca quebrar esse silêncio, proporcionando aos oprimidos os meios para expressarem suas vozes e participarem ativamente na construção de sua própria realidade.

Por fim, a obra também discute o papel da práxis, que é a união entre ação e reflexão. Para Freire, a educação deve ir além da teoria; ela deve promover ações transformadoras. Ele acredita que a verdadeira educação só ocorre quando os educandos, ao refletirem criticamente sobre sua realidade, são levados a agir sobre ela, promovendo mudanças concretas. Essa práxis educativa é o caminho para a libertação e a humanização, elementos centrais de sua proposta.

5.4 MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Na obra "Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica", José Manuel Moran discute o impacto das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, defendendo uma abordagem pedagógica que integre esses recursos de maneira crítica e reflexiva. Moran não vê as tecnologias apenas como ferramentas de apoio, mas como agentes transformadores que alteram a maneira como o conhecimento é construído e compartilhado. A obra aborda os desafios e as oportunidades que as novas tecnologias oferecem para a educação, enfatizando a necessidade de uma mediação pedagógica eficaz.

Um dos pontos centrais da obra é a ideia de que as tecnologias devem ser integradas ao processo educacional com planejamento e propósito. Moran critica o uso superficial das tecnologias, que muitas vezes se limita à reprodução de métodos tradicionais de ensino em um novo formato. Ele defende que as tecnologias têm o potencial de transformar a educação, desde que sejam utilizadas para promover a autonomia dos alunos, o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção coletiva do conhecimento.

Outro aspecto relevante abordado por Moran é a mudança no papel do professor frente às novas tecnologias. O professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e passa a atuar como mediador, facilitador do processo de aprendizagem. Nessa nova dinâmica, o professor ajuda os alunos a navegarem pelo vasto mundo de informações disponíveis e a desenvolverem habilidades para selecionar, interpretar e aplicar esses conhecimentos de forma crítica e criativa. Assim, a mediação pedagógica é essencial para que as tecnologias sejam utilizadas de maneira eficaz, promovendo um aprendizado mais significativo.

Moran também discute a personalização do ensino através das tecnologias. Ele argumenta que, com os recursos tecnológicos, é possível adaptar o processo de ensino às necessidades e aos ritmos de aprendizagem de cada aluno. As plataformas digitais, por exemplo, permitem que os estudantes aprendam em seu próprio ritmo, revisando conceitos conforme necessário e avançando quando estiverem prontos. Esse modelo mais flexível de ensino pode contribuir para uma aprendizagem mais individualizada e eficaz.

Além disso, a obra explora o conceito de aprendizagem colaborativa mediada pelas tecnologias. Moran acredita que as novas tecnologias possibilitam a criação de ambientes de aprendizagem mais interativos e colaborativos, onde os alunos podem trocar experiências, construir conhecimentos em conjunto e desenvolver competências sociais e emocionais. A conectividade proporcionada pela internet, por exemplo, facilita a criação de redes de aprendizagem que transcendem as barreiras geográficas, permitindo que os alunos aprendam uns com os outros em um contexto global.

No entanto, Moran também ressalta os desafios que a incorporação das tecnologias traz para a educação. Ele alerta para a necessidade de formação contínua dos professores, que precisam estar preparados para lidar com as mudanças tecnológicas e entender como utilizar essas ferramentas de forma pedagógica. Além disso, destaca a importância de garantir o acesso equitativo às tecnologias, para que a inclusão digital seja uma realidade e não mais um fator de desigualdade entre os alunos.

Outro ponto importante da obra é a reflexão sobre a ética no uso das tecnologias na educação. Moran argumenta que é fundamental discutir questões como o respeito à privacidade, a proteção de dados e a utilização consciente das informações disponíveis. O uso ético das tecnologias envolve ensinar os alunos a utilizá-las de maneira responsável, crítica e com respeito pelos direitos dos outros, contribuindo para a formação de cidadãos digitais conscientes.

Referências

- BIANCHI, Anna Cecília de Moraes; ALVARENGA, Mariana; BIANCHI, Roberto. **Orientações para o Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.